

**A CIDADE QUE REDIME E QUE ENDIVIDA: UM OLHAR
(ANTI)PERFORMÁTICO DA ROMARIA DE CANINDÉ NO ORGANIZAR
RELIGIOSO HISTÓRICO DA URBE**

CARLOS CÉSAR DE OLIVEIRA LACERDA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

MARIA ELLEM MARA MENDES SILVA

A CIDADE QUE REDIME E QUE ENDIVIDA: UM OLHAR (ANTI)PERFORMÁTICO DA ROMARIA DE CANINDÉ NO ORGANIZAR RELIGIOSO HISTÓRICO DA URBE

1. INTRODUÇÃO

Historicamente a cidade cearense de Canindé localizada a 110 km da capital do estado é conhecida por suas tradições religiosas manifestadas nas romarias de São Francisco das Chagas, considerada a “segunda maior manifestação franciscana do mundo e a mais antiga do Brasil” que acontece principalmente durante os festejos do padroeiro (Assis, Silva & Mapurunga, 2015). Canindé é um município brasileiro do interior do Ceará, localizado na Mesorregião do Norte no Sertão Central e se configura como o décimo primeiro município cearense mais populoso (IBGE, 2020).

Turisticamente a cidade é reconhecida pela sua relevância no contexto local por seus espaços sagrados, tendo uma forte vocação para o turismo de religião e que está intimamente relacionado com o organizar de diferentes aspectos a partir do cotidiano das pessoas (Nobre & Paiva, 2017; Costa, 2021). Distintos equipamentos e símbolos religiosos considerados sagrados permeiam essa lógica de organização como a Basílica de São Francisco das Chagas, a Estátua de São Francisco, a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, a Casa das Velas, a Casa dos Milagres, o Complexo Confessional São Damião, o Museu Regional São Francisco, o Convento de Santo Antônio, a Via Sacra, o Zoológico Municipal São Francisco e a Praça dos Romeiros, que é um anfiteatro ao ar livre com capacidade de 120 mil pessoas. Dessa forma, performando um grande complexo de atendimento e serviço de evangelização numa configuração de rede turística (Gonçalves, Matos & Bezerra, 2021; Assis, Silva & Mapurunga, 2015; Nobre & Paiva, 2017).

Esses processos se dão sobretudo nos períodos de alta estação quando romeiros de várias partes do Brasil chegam na cidade como devotos para manifestar suas práticas de religiosidade a partir do movimento de peregrinação ao caminhar pela cidade durante a festa do padroeiro (Lima & Reis, 2020; Assis & Silva, 2015). A romaria do padroeiro é considerada uma das manifestações religiosas mais antigas (mais de 100 anos) do Brasil, trazendo um significado de “cidade santuário” para Canindé (Lima & Lima, 2017; Gonçalves, Matos & Bezerra, 2021). Dessa forma, o Ceará se torna o epicentro da religiosidade popular no Brasil, tendo seu alicerce no turismo religioso a partir de diferentes operações mercadológicas.

Para refletir teoricamente sobre tal problemática seguimos as discussões sobre o organizar da cidade e a História Organizacional Crítica (HOC) no contexto dos estudos organizacionais (EOR). A relação entre história e administração é observada a partir de um marco teórico crítico por mais história na gestão (Clark; Rowlinson, 2004), em que os autores discutiram o tratamento da história rumo a uma “virada histórica”. Para além desse marco teórico, existe uma gama de pesquisadores que vem trabalhando essa articulação de forma crítica (Durepos *et al.*, 2019; Silva & Santos, 2021), sugerindo como a história pode ser relevante para compreender e problematizar diferentes fenômenos organizacionais. Dessa maneira, debruçamo-nos sobre os aportes teóricos da História Organizacional Crítica com suas raízes em um conjunto diversificado de perspectivas, em particular, focamos a questão da (anti)performatividade, enquanto um aspecto central para uma teorização crítica da história nas organizações, tendo o suporte das discussões do “Capitalismo como Religião” do histórico, ensaísta e crítico literário Walter Benjamin (1892-1940).

O tema da cidade como organizações não convencionais nos EOR já foi problematizado em diversos trabalhos na área. A urbe estabelece um espaço singular percebido simbolicamente, em que diferentes grupos significam suas experiências de maneira distinta e de amplos territórios em disputa pelos seus habitantes (Saraiva, 2019), requerendo uma visão macroscópica e relacional de análise organizacional à luz de uma compreensão interdisciplinar ao conceber a cidade como uma complexa organização (Mac-Allister, 2004).

Diante do exposto, esse estudo se debruçou sobre a história do organizar religioso da segunda maior manifestação franciscana do mundo na sua relação com a organização da cidade: a manifestação religiosa do Padroeiro São Francisco das Chagas de Canindé. Assim, considerando o período histórico de fundação da cidade de Canindé no final do século XVIII se coloca a questão de pesquisa: como as tradições religiosas performáticas manifestadas nas romarias de São Francisco das Chagas de Canindé se relacionam com a organização de uma cidade santuário atualmente? Dessa maneira, o estudo tem o objetivo de compreender, sob um ponto de vista da história organizacional crítica, os processos históricos performáticos da romaria de Canindé na sua relação com o organizar de uma cidade santuário dos dias atuais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Abordagens da História na Administração: A História Organizacional Crítica, a (Anti)Performatividade e o Capitalismo como Religião

Foi a partir de um marco teórico crítico por mais história na gestão ao sintetizar as discussões da “nova história”, que Clark e Rowlinson (2004) discutiram o tratamento da história rumo a uma “virada histórica” através de um movimento denominado de “*Historic Turn*” que estabelece uma aproximação entre história, historiografia e ciências sociais. O “*Historic Turn*” é um convite para além de abordagens hegemônicas que envolve teorias, métodos e modelos que vão além de perspectivas lineares e longitudinais e que considera diversas dimensões como fontes históricas no contexto das organizações/administração (Clark & Rowlinson, 2004; Carneiro & Barros, 2017).

Embora tenha sido apenas em 2004 que o termo “*Historic Turn*” tenha surgido nas pesquisas, os autores Zald (1988, 1993, 1996), Kieser (1994) e Burrell (1997) já apontavam para a necessidade de incorporar a perspectiva histórica aos estudos de gestão. Os objetos das ciências sociais são situados na história e, por isso é relevante esta relação (Zald, 1993). Dessa maneira, o movimento do “*Historic Turn*” impulsionou diferentes estudos que insurgiam a uma perspectiva a-histórica que a ciência da Administração construiu ao longo dos tempos (Mills, Weatherbee & Durepos, 2014).

A partir desses movimentos e discussões, os últimos anos foram testemunhas de uma crescente convocação para a virada histórica em estudos de gestão e teoria organizacional, historicizando a Administração, seus processos, práticas e teorias. Esse movimento pode ser observado na seara nacional e internacional quando alguns autores como Costa (2014; 2015), Barros e Carrieri (2015), Vizeu (2007, 2010), Santos & Costa (2019), entre outros, foram influenciados a desenvolver trabalhos nessa vertente (Costa, Barros & Martins, 2010; Barros et al., 2011; Decker, 2013; Schwartz & Cook, 2002; Hodge, Freitas & Costa, 2021). Nessa seara, sobressaem-se o tema do cotidiano organizacional e da história (Barros & Carrieri, 2015); da história organizacional crítica articulada ao organizar das margens da cidade através da reativação da memória de um nexos histórico organizador (Lacerda, Ipiranga & Thoene, 2023) e a história de vida no estudo das organizações (Lopes & Costa, 2021; Maccali *et al.*, 2014). Outros estudos dão maior ênfase a uma crítica particular à virada histórica no contexto da América Latina, defendendo o projeto decolonial (Wanderley & Barros, 2019; Sauerbronn; Lima & Faria, 2022) e as pressuposições da história crítica (Costa & Wanderley, 2021; Silva & Santos, 2021), bem como maiores possibilidades e desafios propostas pelo subcampo *Critical Organizational History* - COH (Durepos *et al.*, 2021), entre outros.

Sobre a COH, observa-se que a perspectiva da história foi discutida a partir de uma orientação mais crítica abordando diferentes temas e envolvendo diversos autores, problematizando a ideia de “histórias ideologicamente neutras” (Brunninge, 2009; Cooke e Alcadipani, 2015; Durepos *et al.*, 2019; Maclean et al., 2016). Na área da Administração, a abordagem crítica foi consolidada nos anos de 1990 a partir do “*Critical Management Studies*

(CMS)”, em português traduzido para “Estudos Críticos em Gestão (ECG)” ao problematizar os aspectos da gestão apenas com base na performatividade organizacional. Antes desse movimento, entre os anos de 1950 e 1980, Paes de Paula *et al.* (2010) se referiu aos Estudos Organizacionais Críticos (EOC) também nessa perspectiva ao problematizar diferentes aspectos da gestão com base na autonomia dos sujeitos.

Sob essa ótica, o presente estudo segue o “*Critical Organizational History*”, em português traduzido para História Organizacional Crítica (HOC), proposta por Durepos *et al.* (2019), que sugerem que a performatividade, conforme observado por Fournier e Gray (2000), contribui para um conceito de eficiência como previsto pelo capitalismo neoliberal, tornando-se naturalizado na gestão dominante. Dessa forma, a gestão e suas práticas tornaram-se tidas como performativas típicas de uma administração funcionalista. Assim, Durepos *et al.* (2019) caminham num movimento contrário, refletindo sobre a ideia de (anti)performatividade como um aspecto central para uma teorização crítica da reescrita da história através do tempo. Para os autores, a análise histórica crítica pode pensar a (anti)performatividade organizacional de três maneiras complementares: i) sendo útil para questionar histórias organizacionais que adotam um quadro organizador de “progresso”, operações mercadológicas e acumulação de lucros; ii) ao refletir sobre os arquivos corporativos e os documentos na intenção de pensar criticamente sobre quais resquícios estão presentes e ausentes no arquivo documental, bem como sobre as histórias que esses resquícios inevitavelmente sustentam a partir dos seus silêncios e rupturas; e, iii) questionar sobre “quem ganha e quem perde quando uma história só é estudada em prol da melhoria da eficiência, onde a eficiência é justificada por uma agenda capitalista moderna” (Durepos *et al.*, 2019, p. 10).

Seguindo essa argumentação e articulando teoricamente esse posicionamento, temos o suporte da seleção de textos organizada pelo sociólogo Michael Lowy (2013) que reúne as discussões do histórico, ensaísta e crítico literário Walter Benjamin (1892-1940) sobre o “Capitalismo como Religião” (2013). Os escritos de Benjamin baseiam-se numa dialética própria, buscando criticar a historiografia positivista de um historicismo conservador na nascente modernidade capitalista que tende a pontuar a perspectiva histórica dos “vencedores”, rompendo e criticando a ideologia do progresso linear (Lowy, 2013).

Nesse sentido, o fragmento “O Capitalismo como Religião”, reflete uma crítica de Benjamin para o capitalismo contra a idolatria do mercado a partir da referência teórica de Max Weber (Andrade, 2018) ao se refletir sobre a mercantilização e o capitalismo da fé. Nesse sentido, o capitalismo assume características religiosas, tornando-se uma forma de culto que estrutura a vida moderna (Benjamin, 2013). Ele sugere que o capitalismo substituiu as religiões tradicionais, assumindo seu papel de fornecer sentido e orientação para a vida humana. No entanto, ao contrário das religiões tradicionais, o capitalismo não oferece redenção ou salvação, mas sim uma perpetuação do culto ao consumo e ao trabalho. Assim, o “capitalismo deve ser visto como uma religião, isto é, o capitalismo está essencialmente a serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações a que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer resposta” (Lowy, 2013, p. 21). Ele enfatiza que a religião capitalista pode ser entendida a partir de três características complementares entre si: 1) o capitalismo é uma “religião puramente cultural” (p. 22) por meio de práticas ligadas as operações de mercado e especulações financeiras como num culto religioso com seus objetos de adoração, assim o “utilitarismo obtém sua coloração religiosa” (p. 22); 2) a duração permanente do culto, pois para Benjamin, “não existem dias normais, não há dia que não seja festivo no terrível sentido da ostentação de toda a pompa sacral, do empenho extremo do adorador” (Lowy, 2013, p. 21-22); e, 3) esse culto é culpabilizador, ou seja, “tal sistema religioso é decorrente de um movimento monstruoso” (p. 22), assim, é uma religião que não visa a salvação, pelo contrário, visa a destruição da humanidade (Agamben, 2013; Andrade, 2018).

Dessa forma, Benjamin (2013) enfatiza que o consumo, o trabalho e por consequência, a acumulação de capital tornam-se atos de devoção e ritual performático, que não precisam ser justificados por uma fé explícita, assim, invade todos os aspectos da vida, transformando o tempo social em tempo de consumo e o espaço público em espaço mercadológico. O capitalismo como religião tem uma temporalidade circular em busca de um “progresso” falacioso, ou seja, em vez de avançar em direção a um futuro melhor, o capitalismo cria um ciclo infinito de trabalho e consumo. Dessa maneira, o capitalismo como religião é uma forma de culto que não redime, mas endivida (Benjamin, 2013) e mantém sua lógica central (Boltanski & Chiapello, 2009).

2.2. O Organizar da Cidade como Objeto de Investigação nos Estudos Organizacionais

As cidades têm sido tomadas como lócus de estudos diversos que exploram suas complexidades, multiplicidades de processos sociais e territorialidades. Assim, as cidades, como espaços onde diferentes grupos urbanos se atravessam, são territorializadas por meio das disputas, apropriações, práticas cotidianas, relações de poder e ocupações que ali se dão (Heidrich, 2016). Por esse entendimento, a cidade é composta por atores, grupos, instituições, classes, relações sociais, práticas, hábitos, vida social organizada e comportamentos, logo, um lugar de diferentes sociabilidades (Pesavento, 2007), sendo resultado da interação a partir da pluralidade e de uma obra coletiva (Rolnik, 1995; Viegas & Saraiva, 2015) e circunscrita por inúmeras unidades organizativas multifacetadas (Fischer et al., 1997).

Na área de administração, mais especificamente no campo dos estudos organizacionais, o tema das cidades vem sendo discutido a algumas décadas. Um dos primeiros estudos que fazem essa articulação entre a ciência da administração e o tema de cidades é o proposto por Fischer (1996; 1997), Fischer et al. (1996). Na oportunidade, a cidade foi discutida como uma grande organização social que precisa de uma gestão que articule um conjunto de instituições sociais, políticas, públicas e privadas, além de diversos grupos e indivíduos convergindo em um mesmo ambiente urbano, possuindo alta complexidade e desafiando sua gestão (Fischer, 1996; Fischer et al., 1997).

Logo após essas discussões, o tema da cidade surge como um conceito: a “organização-cidade” (Mac-Allister, 2001; 2004), situando as discussões para a organização na cidade a partir dos grupos que vivenciam a cidade, contrapondo-se a uma mera gestão da cidade, conforme o discurso da administração pública (Honorato & Saraiva, 2016; Viegas & Saraiva, 2015; Shimada, 2015). Os estudos anteriores foram importantes para o avanço do tema de cidades nos EOR brasileiros e, a partir de então, diversos outros(as) pesquisadores(as) iniciaram suas pesquisas com esse foco nas cidades, para além de aspectos econômicos e de localização ao concebê-la como um pluralismo organizativo (Ipiranga, 2010; Franco & Oliveira, 2016; Misoczky & Oliveira, 2018; Saraiva, Carrieri & Soares, 2014; Honorato & Saraiva, 2016; Lacerda & Mello, 2020; Silva & Chagas, 2020; Fantinel, 2020; Saraiva, 2020).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar o objetivo proposto, foi realizado uma pesquisa de cunho qualitativo (Silva & Silva Anjo, 2024; Godoi, Bandeira-de-Mello; Silva, 2010), com inspirações históricas (Appio, et al., 2017; Yates, 2014). Em um primeiro momento, foi realizado uma pesquisa documental, tendo sido constituído uma coleção de arquivos históricos (Barros, 2016; Carter, 2006). Ciente da problematização das fontes e das relações de poder a partir de uma rede que é composta por vozes, silêncios, ausências e desvios (Decker, 2013), a coleção foi composta por jornais de tempos idos, fotografias, imagens históricas, documentários e reportagens sobre dois aspectos complementares: i) a organização histórica da Romaria franciscana; e, ii) a organização histórica das origens da cidade de Canindé. Estes foram organizados a partir de onze acervos consultados, conforme descrito no quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Acervos e endereços eletrônicos/físicos consultados entre outubro/2024 e fevereiro/2025

Item	Nome do Acervo	Repositório / Endereço Eletrônico e Físico
1	Acervo da Biblioteca Municipal Cruz Filho	Praça da Basílica, Canindé - CE
2	Acervo Portal História do Ceará	https://uranohistoria.blogspot.com
3	Acervo da Hemeroteca Digital	https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital
4	Acervo da Prefeitura Municipal de Canindé	https://www.caninde.ce.gov.br/omunicipio.php
5	Acervo do Instituto de Previdência do Município de Canindé	https://ipmcaninde.com.br/institucional/conheca-a-cidade/
6	Acervo da Paróquia Santuário de São Francisco das Chagas	https://santuariodecaninde.com/caninde/historia/
7	Acervo da Basílica de São Francisco das Chagas de Canindé	Praça da Basílica, Canindé - CE
8	Acervo da Revista do Instituto do Ceará	https://www.institutodoceara.org.br/revista.php
9	Acervo do Arquivo Nacional	https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br
10	Acervo do blog “Memórias de Canindé”	https://memoriasdecaninde.blogspot.com/
11	Acervo do blog “História Canindeense”	https://historiacanindeense.blogspot.com/

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

A base de dados documental gerou um *output* com matérias de jornais de época com diferentes informações relevantes sobre os processos históricos da organização da romaria e das origens da cidade de Canindé. As páginas geradas com os jornais e revistas de época foram salvas em PDF (*Portable Document Format*) para formar a coleção documental, ao mesmo tempo que outros refinamentos foram feitos a fim de organizar e catalogar toda a coleção. Nesse momento foi realizada a observação documental (Sá-Silva, Almeida & Guindani, 2009) e criado no Excel uma ficha documental, contendo alguns itens como: nome do documento, ano de publicação, páginas dos trechos, descrições, contexto histórico, repositório, etc.

Complementarmente, em um segundo momento foram entrevistados um conjunto de romeiros por meio da utilização de métodos narrativos (Nunes & Coelho, 2021), assim pensando as entrevistas como relatos de ação. Dessa forma, foi realizado um trabalho de campo com roteiro de observação (Notas de Campo) e entrevistas com cinco romeiros (R1, R2, R3, R4 e R5) no período das festividades religiosas do padroeiro que aconteceu de 24 de setembro a 4 de outubro de 2024. As entrevistas foram conduzidas por meio de um roteiro semiestruturado subdividido em dois tópicos-guia complementares: i) caracterização do entrevistado; ii) questões específicas norteadoras sobre a problemática. Com uma média de duração de 40 minutos, as entrevistas foram gravadas e transcritas, e ocorreram mediante a assinatura de um termo de consentimento e confidencialidade das informações, sendo a identidade do entrevistado preservada. O quadro 2 a seguir demonstra o perfil dos entrevistados.

Quadro 2: Perfil dos romeiros entrevistados durante as festividades do padroeiro em Canindé

Romeiros	Gênero	Idade	Escolaridade	Profissão	Lugar de Origem
R1	Masculino	57 anos	Ensino Médio Incompleto	Eletricista	Fortaleza/CE
R2	Feminino	48 anos	Pós-Graduação	Fonoaudióloga	Fortaleza/CE
R3	Feminino	22 anos	Cursando o Ensino Superior	Estudante	Uruburetama/CE
R4	Masculino	21 anos	Cursando o Ensino Superior	Auxiliar de Escritório	Canindé/CE
R5	Feminino	40 anos	Graduação em Serviço Social	Assistente Social	Canindé/CE

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Seguimos com os procedimentos de análise dos dados qualitativos, que segundo Cellard (2008) se baseia nas “pistas documentais”, resultando em uma “descrição histórica”. Desse modo, foram estabelecidas ligações e comparações concretizadas por meio de leituras repetidas que permitiram identificar as similitudes, relações e diferenças conduzidas por dois grupos temáticos bem como o contexto em que foram mencionados, conforme apresentado a seguir.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

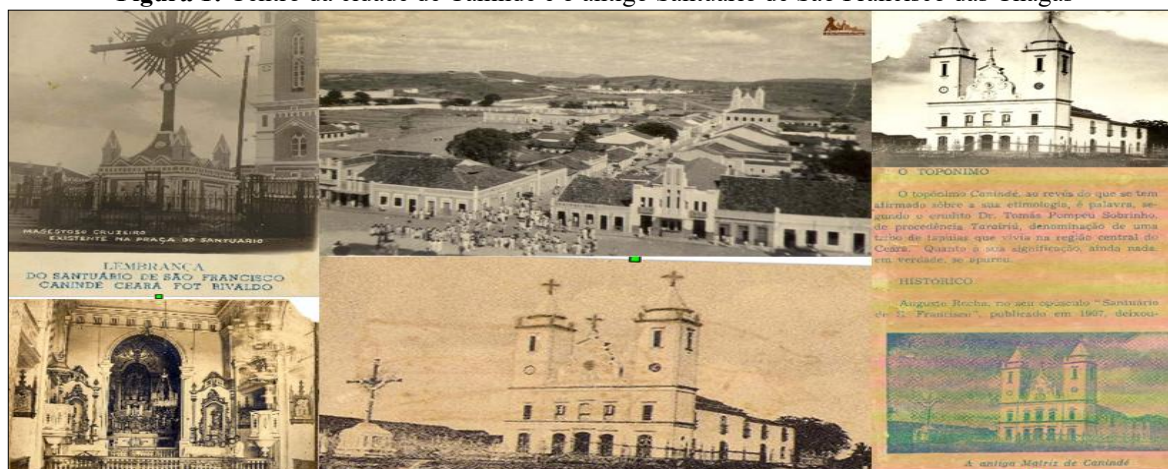
4.1. A Cidade que Redime: A História da Romaria de Canindé no Organizar Religioso de uma “Cidade Santuário”

A cidade que redime apresenta todo o histórico de uma cidade no interior do Brasil que desde os primeiros momentos gira em torno da religiosidade e da fé do seu povo. A cidade de Canindé tem suas raízes alicerçadas em diferentes aspectos religiosos desde o seu processo de formação histórica e essa questão é tradicionalmente relacionada ao turismo da cidade por meio dessa vocação. A cidade é vendida como um grande centro de romaria e um dos maiores Santuários Franciscanos do mundo. Desse modo, sua formação histórica é documentalmente entrelaçada a devoção a São Francisco das Chagas (Acervo Site Prefeitura de Canindé, 2025; IBGE, 2024; Girão, 1947).

A historiografia documental e bibliográfica remonta ao período colonial e as origens da cidade que estão intimamente ligadas à expansão do catolicismo no interior do nordeste brasileiro e ao processo de ocupação territorial durante os séculos XVII e XVIII. Historicamente, como capitania dependente, o Ceará teve a sua organização iniciada no século XVII com a pecuária, para fornecer carne e tração à economia açucareira estabelecida na Zona da Mata. Assim, outros povoados do interior foram se organizando nesse processo (Paulinho Nogueira, Rev. Inst. do Ceará Vol. 33 pg. 121). O nome Canindé tem origem na etnia indígena Kanindé, um grupo que habitavam as margens do rio Canindé no sertão antes da chegada dos colonizadores portugueses. Inicialmente, o território fazia parte da Vila de Monte-Mor, o Novo d'América, nos dias atuais, a cidade de Baturité (Ribeiro & Sampaio, 2012; Bezerra, 1926; Monteiro, 1998). Além do aldeamento de índios, o espaço também era habitado e dividido em latifúndios, onde eram exploradas a criação de gado e a lavoura por fazendeiros.

Os registros históricos remontam ao ano de 1775, quando os franciscanos via o sistema de sesmarias comandados pelo sargento-mor português, Francisco Xavier de Medeiros que pertencia a Ordem Terceira de São Francisco, se estabeleceu na região para catequizar os indígenas e consolidar a presença portuguesa no interior do Ceará (Acervo Basílica de São Francisco das Chagas de Canindé, 1775). Dessa maneira, uma das suas primeiras ações foi a construção de uma capela em homenagem a São Francisco das Chagas no atual centro da cidade na época da colonização, conforme apresentado na figura 1 a seguir.

Figura 1: Centro da cidade de Canindé e o antigo Santuário de São Francisco das Chagas



Fonte: Acervo Basílica de São Francisco das Chagas de Canindé (1775)

Cronologicamente, para remontar essa história, o quadro 3 a seguir apresenta os principais eventos históricos relacionados a história da cidade: de povoado à distrito, de distrito à vila e de vila à cidade.

Quadro 3: Principais eventos históricos relacionados a cidade de Canindé

Ano	Fato Histórico
1758	Primeiras missões franciscanas nos sertões do Ceará.
1775	O sargento-mor português Francisco Xavier de Medeiros, estabeleceu-se às margens do rio Canindé e, logo depois, iniciou a construção de uma capela em honra a São Francisco das Chagas.
1777	A seca dos três sete foi razão para a interrupção das obras até 1793. Somente em 1796 é que a capela foi inaugurada.
1842	Canindé se tornou um distrito ainda com o antigo nome São Francisco das Chagas de Canindé pela Resolução Régia de 19-08-181, pela Provisão de 03-09-1818 e pelo Ato Provincial de 18-03-1842.
1846	São Francisco das Chagas de Canindé tornou-se uma vila, sendo desmembrado uma parte de Fortaleza e outra de Quixeramobim.
1911	Surge o primeiro distrito: Caridade.
1914	São Francisco das Chagas de Canindé foi elevado à categoria de cidade com o nome atual de Canindé. Esse processo foi realizado conforme a Lei Estadual nº 1.221. Pela Lei nº 1.190, de 5 de agosto daquele mesmo ano, a antiga denominação de Intendência foi substituída por Prefeitura, sendo nomeado primeiro prefeito Antônio Alves Monteiro Filho, conhecido popularmente por Sitônio Monteiro.

Fonte: Organizado pelos autores com base nos acervos consultados (2025)

Depois que se tornou cidade, o local foi se desenvolvendo economicamente por meio da religiosidade ao redor da basílica de São Francisco. De acordo com Sousa (2005), a vocação de Canindé como terra dos milagres se espalhou rapidamente, transformando-a em um polo de atração turística. Além da religiosidade, a cidade também se destaca por sua economia baseada em agricultura, pecuária e comércio. Assim, a cidade também ficou conhecida pela produção de algodão, milho, feijão e pela criação de caprinos e ovinos. No entanto, o turismo religioso se tornou uma importante fonte de renda ao impulsionar o setor de serviços e hotelaria (Sousa, 2005). Como observado no quadro 3, o comerciante, agropecuarista e industrial Sitônio Monteiro em 24 de março de 1914 assumia as funções de Intendente em Canindé. Seu mandato durou até novembro de 1916, todavia, pela lei n. 190, de 05 de agosto de 1914, os cargos de Intendentes foram transformados em prefeito. Desta forma, Sitônio Monteiro foi o primeiro prefeito de Canindé (Acervo do blog “Memórias de Canindé”). A expansão da cidade foi marcada pela construção de igrejas, como o Santuário de São Francisco, que se tornou um dos maiores símbolos da religiosidade popular no Nordeste.

Como observado, a formação histórica da basílica e de suas romarias se deu com a colonização do Ceará e se entrelaça com a própria história da cidade. Surge no Ceará, a prática das romarias e procissões que tinha o objetivo de difundir a cultura religiosa do colonizador e ao mesmo tempo, cristalizar os valores da civilização luso-europeia, justificando também a homenagem a São Francisco das Chagas. Francisco das Chagas nasceu em Assis, na Itália, por volta de 1182 e abandonou o luxo para viver da religião, sendo reconhecido por proteger os animais e a natureza (Acervo do blog História Canindeense, 2020).

A criação da primeira capela no centro da cidade fazia parte de uma política de embelezamento da urbe. Naquele contexto se vivia o apogeu das políticas governamentais da Belle Époque, pautados pela higienização do espaço e limpeza social rumo ao “progresso” da cidade e “Canindé, a bela e progressista cidade sertaneja” não poderia ficar de fora. Esse momento traduzia em termos locais a euforia europeia, sobretudo, francesa, com as novidades decorrentes da revolução científico-tecnológica da era moderna. Capitais e diferentes cidades do interior do estado também colocaram em prática as políticas governamentais que visavam o “progresso” por meio da incorporação de diferentes equipamentos urbanos. Nesse processo houve remodelação das praças e ruas mais largas, portanto, remodelação da cidade por meio da estética de aformoseamento da urbe (Acervo Portal História do Ceará, 1879).

Os primeiros trabalhos da edificação da capela tiveram início ainda em 1775 na supervisão do sargento-mor português Francisco Xavier de Medeiros, cidadão português, filho de um português do mesmo nome. Como demonstrado na história do organizar da cidade, o

mesmo instalou sua fazenda à margem do rio Canindé. Em 1777, foram suspensos os trabalhos da capela, devido à grande seca que então assolou a região. A antiga capela sofreu diferentes transformações de 1775 a 1796, ano em que foi definitivamente concluída (Acervo do blog “Memórias de Canindé”; Acervo Basílica de São Francisco das Chagas de Canindé). Assim, a capela foi um importante equipamento que deu início a construção da religiosidade daquele espaço e em seguida a Festa e a romaria de São Francisco das Chagas de Canindé fez parte desse cenário a partir dos anos de 1923, quando os franciscanos da província de Santo Antônio assumiram a paróquia no dia 26 de março, um domingo de Páscoa. Cronologicamente, para remontar a história da capela, da romaria e todo contexto da religiosidade da cidade, o quadro 4 a seguir apresenta os principais eventos históricos relacionados a construção dos espaços sagrados da cidade de Canindé.

Quadro 4: Principais eventos históricos relacionados a construção dos espaços sagrados da cidade

Ano	Fato Histórico
1735	Frades franciscanos percorrem os sertões do Ceará.
1758	Origens da devoção a São Francisco das Chagas nos sertões de Canindé, com a atuação dos primeiros frades, Frei Manuel de Santa Maria e São Paulo.
1775 a 1796	Construção da primeira capela de São Francisco das Chagas em Canindé. A obra é interrompida nos anos de 1776 e 1792 devido a eventos climáticos da seca.
1817	No dia 30 de outubro, houve a elevação da capela à categoria de Igreja Matriz, por alvará de EL-Rei D. João VI. Tendo como primeiro pároco o padre Francisco de Paula Barros.
1898	Chegada dos Frades Capuchinhos, aos quais o Bispo Dom Joaquin José Vieira confirmou a administração da Paróquia e Santuário.
1910	Reforma completa da igreja matriz de São Francisco das Chagas, pelo arquiteto Antônio Mazzini, tendo como auxiliar o Sr. Thomaz Barbosa. Obra concluída em 1915.
1923	Frades Franciscanos menores da província de Santo Antônio assumiram a paróquia, anteriormente administrada pelos Frades Capuchinhos. Esse ano também demarca o início dos festejos e das romarias do padroeiro.
1952	Construção da Via-Sacra. A bênção foi dada em 20 de julho por Frei Policarpo.
1953	Construção do Abrigo de Romeiros São Francisco.
1954 a 1957	Construção da Casa dos Milagres. Mais tarde foi ampliada. No ano de 2003, no dia 17 de setembro, foi inaugurada a primeira parte do Complexo Confessional e no dia 17 de setembro de 2007 a bênção da segunda parte.
1972	Fundado o Museu São Francisco de Canindé que inicialmente funcionou no prédio da Catequese, sendo que no mesmo ano foi transferido para o antigo prédio das oficinas do Convento.
1981	Construção da Casa das Velas (capelinha das velas) pelo vigário Frei Canísio Lima.
1989	Benção e primeira missa na Praça dos Romeiros, no dia 3 de fevereiro. E a inauguração oficial no dia 3 de outubro do mesmo ano. A praça tem capacidade de 35 mil lugares para sentar e cabe até 100 mil pessoas.
1991	Construção do Zoológico São Francisco, localizado onde está atualmente, foi inaugurado no dia 13 de março. Já funcionou no pátio da entrada do Convento e depois passou para frente do Museu, sendo mais tarde construído o novo espaço.
2005	Inauguração da estátua de São Francisco, com 30,2 metros de altura, pelo mestre “Bibi”, iniciada a construção em julho de 2002 e inaugurada em 04 de outubro de 2005. É considerado um dos monumentos mais altos do país.
2008-2009	Construção da Coberta e da Sacristia da Quadra da Gruta pelo pároco e reitor Frei João Amilton.

Fonte: Organizado pelos autores com base nos acervos consultados (2025)

A construção da capela deu início ao que mais tarde se tornou o Santuário de São Francisco das Chagas, marcando o início da tradição das romarias na cidade que se transformou em um fenômeno de massa e a cidade se tornou um polo de peregrinação. As romarias no Nordeste são expressões de uma religiosidade popular que combina elementos da fé católica com as tradições locais. Em Canindé, as romarias acontecem o ano todo, mas durante a Festa de São Francisco é que elas se acentuam através do movimento de peregrinação dos romeiros

que vem de diferentes locais do Brasil. Esses momentos são marcados por uma série de rituais, entre eles, a caminhada dos romeiros, as missas solenes, as novenas, batizados, bênção dos animais, a devoção a imagem de São Francisco, a lavagem das escadarias do santuário, as oferendas ao santo, atividades culturais com bandas locais e a tradicional missa do vaqueiro que representa a ligação entre a religiosidade e a cultura sertaneja (Casculo, 2006; Gomes, 1998). Esses atos simbólicos tidos como performáticos contribuem para um espetáculo da fé que transforma a cidade em um palco de diferentes espaços sagrados, onde os romeiros são ao mesmo tempo atores e espectadores envolvidos no processo através da sua religiosidade (Brandão, 2008). Essas questões serão melhor abordadas no tópico a seguir.

4.2. A Cidade que Endivida: O Capitalismo da Fé nas Produções de Performatividades e Consumos na Romaria de Canindé

A cidade que endivida apresenta o histórico recente da exploração de atividades capitalistas em torno da exploração da religiosidade, mostrando processos como produções de performatividades e consumos em níveis variados. A Festa de São Francisco das Chagas de Canindé por meio da sua romaria demarca o turismo religioso da cidade que é vendido internacionalmente pela mídia. A cidade de Canindé se transforma durante o período da romaria e da festa (figura 2), que ocorre principalmente no mês de outubro, mês dedicado a São Francisco. Milhares de pessoas de diversas partes do Nordeste e do Brasil se deslocam até a cidade, muitas vezes a pé num movimento de peregrinação, em uma demonstração de fé e devoção para cumprir promessas (Gomes, 1998).

Figura 2: Romarias e a Festa de São Francisco das Chagas na atualidade



Fonte: Diário do Nordeste, fotografia de Davi Pinheiro – Gov.CE (2024)

De acordo com Rodrigues (2020), a Arquidiocese de Fortaleza e a Prefeitura Municipal (2024), anualmente a festa do padroeiro da cidade atrai entre 700 mil a 1 milhão de visitantes para a cidade, modificando a paisagem e toda movimentação do cotidiano da população, pois Canindé tem o maior complexo religioso por meio do Santuário Católico voltado a São Francisco do continente americano, e esse fato modifica a realidade dos moradores que precisam se adaptar para receber esse evento que demarca a religiosidade dos espaços da cidade (Gonçalves, Matos & Bezerra, 2021).

Nos dias atuais, a romaria de Canindé continua a atrair milhares de fiéis, mantendo viva uma tradição centenária, refletindo a importância das manifestações religiosas para a igreja católica e para a comunidade local como é vendido e capitalizado na mídia local e nacional ao fomentar o discurso do turismo religioso. Uma das entrevistadas que é devota de São Francisco, quando questionada sobre a festa e sua importância nos dias atuais, narrou que “a gente aguarda esse momento o ano todo né, onde a fé se renova, o coração fica grato, palpitante é muita emoção para nossa religião e para a cidade” (R5). Outra entrevistada (R2), que também é devota do padroeiro mencionou:

“Eu já frequento aqui há 30 anos, venho todo ano e eu acho maravilhoso que a gente consegue ver todos os tipos de pessoa, todos os tipos de todas as idades e gêneros e todo mundo com o mesmo objetivo que é a fé” (R2).

Destarte, em complemento, outro entrevistado narrou que:

“Bom é primeiro de tudo eu sempre que eu escuto isso, a primeira coisa que vem na minha cabeça da festa é oportunidade, porque Canindé é uma cidade que tirando a festa de São Francisco não tem lá muita coisa, meio empacado, não acontece lá grandes coisas, tudo bem certos artistas vem aqui tocar, muitos famosos já vieram aqui tocar, já passaram por aqui fazendo shows festas essas coisas, mas eu acho que a festa de São Francisco é uma oportunidade a parte, porque eu acho que mais do que qualquer outra coisa do mundo tem gente que reza na vida e tem gente que vem pra cá de muito mais longe do que um simples interior, esses lugares aqui perto, a gente já vê gente que vem de São Paulo, de Fortaleza, de muito mais longe do que aqui e são lugares muitos maiores do que Canindé em praticamente em todos os fatores, é apesar de eu ter minhas certas opiniões sobre a festa, porque eu ainda sinto que Canindé podia evoluir, porque como pessoa que mora aqui já há 21 anos e como romeiro, eu sempre notei que é como se cada ano tem coisa diferente mas é mais do mesmo, mas no geral eu vejo como uma oportunidade para a cidade. É se mostrar ao resto do Ceará e ao resto do Nordeste, é como eu falei são várias oportunidades pra poder se expandir mais e melhorar com o tempo” (R4).

Nesse processo, a mídia enfatiza que a festa tem um impacto significativo na economia local ao aquecer o comércio de forma universal, pois “a cidade recebe um grande fluxo de visitantes diariamente durante os dez dias de festa, o que movimenta todo o comércio, a hotelaria e os serviços em geral, além de ser um gerador de renda aquecendo a estrutura econômica da cidade” (Diário do Nordeste, 2023). Benjamin (2013), nos alerta que essa universalidade é alcançada através da globalização do mercado e da imposição de valores capitalistas, como a competição e a acumulação. Assim, “com a festa de São Francisco, o estado do Ceará se torna epicentro da religiosidade popular no Brasil” (Secretaria de Turismo - Governo do Estado do Ceará, 2023), acarretando uma competição inter-cidades ao propagar uma concorrência sem fronteiras geográficas ou culturais (Benjamin, 2013; Boltanski & Chiapello, 2009). De acordo com o Ministério do Turismo do Governo Federal (2023), “no Brasil, anualmente, o turismo religioso gera R\$ 15 bilhões, incluindo mais de 300 municípios que possuem atrativos do segmento. As viagens domésticas também geram 8,1 milhões, que somadas aos excursionistas chega a 18 milhões”.

Nesse contexto, muitos artigos religiosos são comercializados na romaria, há alta demanda por serviços de alimentação e transporte e o serviço de hospedagem é o mais procurado, elevando toda a ocupação hoteleira da cidade em 100% de ocupação. Nesse período também é comum que os turistas fiquem alojados nas casas dos moradores da cidade tendo uma experiência de turismo de base comunitária, além disso, muitos chegam à cidade com uma simples batina marrom, vestimenta semelhante à que São Francisco vestia, pois é um complemento performático do ritual das promessas pagas, fazendo referência a uma vida simples e humilde.

No entanto, para além desses aspectos, observa-se que a cidade não tem infraestrutura para receber o grande número de visitantes, o que acarreta em diferentes problemas como a falta de água e energia, a superlotação e o acúmulo de lixo na cidade, trazendo problemas ambientais (Notas de Campo, 2024). Nesse processo, a questão da desigualdade também revela uma outra face no contexto do capitalismo (Benjamin, 2013), uma vez que, os ditos benefícios econômicos se restringem a poucos, pois trabalhadores como vendedores ambulantes e guias de turismo, por exemplo, enfrentam condições precárias de trabalho (Turner, 1974). Dessa forma, existe uma dinâmica de poder permeado por contradições (Turner, 1974; Boltanski &

Chiapello, 2009; Benjamin, 2013), que desvela uma performatividade organizacional (Durepos *et al.*, 2019), alicerçado no acúmulo de capital baseado em operações mercadológicas e de lucratividade (Benjamin, 2013), aspectos típicos de uma organização performática (Durepos *et al.*, 2019). Ao falar sobre essa questão, o entrevistado (R1), menciona:

“Rapaz, a respeito da peregrinação tem muita coisa que eu acho errada nas romarias entendeu, porque tem romarias que tá botando esse lado de romaria pro comércio entendeu? Essa romaria que eu participo tá com 19 anos. Os participantes não pagam nada, as camisas são de graça, tudo é de graça entendeu, a gente não cobra nada de ninguém, mas tem outras romarias que tá levando pro lado do comércio, enche a camisa de patrocínio entendeu? E vai cobrar a camisa. Pra quê que ela está vendendo as camisas que tem patrocínio? E o patrocinador está fazendo o quê? Aí você paga, paga até pra beber água entendeu? Até no carro de apoio quando você não pode mais caminhar que dá câimbra nas pernas, até pra entrar no carro de apoio é pago, aí esse lado eu acho muita coisa errada. As romarias de uns 8 anos pra cá elas tão mais se acabando porque muita gente não vai por causa disso, muita gente não vai porque não tem dinheiro, recursos entendeu? Porque a maioria das romarias que tão vindo você paga um pacote caríssimo pra andar de pé e é isso que eu acho errado e nas estradas também a pessoa não tem apoio quase de nada” (R1).

Esse processo narrado merece uma reflexão crítica, pois por trás da espiritualidade e da celebração da fé, pode haver uma complexa dinâmica que envolve uma financeirização da fé no contexto de consumo (Benjamin, 2013). Como observado, esse enfoque permite refletir como a romaria, além de ser um fenômeno religioso, também pode se inserir em um contexto de mercantilização e espetacularização da fé sob duas perspectivas: o capitalismo como religião (Benjamin, 2013) e a performatividade da festa (Durepos *et al.*, 2019; Fournier & Grey, 2000).

Dessa maneira, o capitalismo pode não apenas substituir a religião tradicional, mas também pode assumir características religiosas, como a devoção ao consumo e a criação de rituais em torno do mercado (Benjamin, 2013). Na festa do padroeiro em Canindé, essa perspectiva pode ser observada em como a fé pode ser transformada em um produto por meio do mercado de bens simbólicos e como a cidade se organiza em torno de uma economia movida pela vocação histórica da sua religiosidade. Para Bourdieu (2011), o mercado religioso é um espaço de competição onde bens simbólicos são produzidos, distribuídos e consumidos. Essa questão pode ser refletida nos próprios romeiros e na igreja, que atua como centralizadora do processo: nos romeiros, que passam a ser tratados mais como consumidores do que como devotos e na igreja que, não apenas atende às necessidades espirituais dos romeiros, mas também uma agenda política que gerencia uma série de atividades comerciais, como a venda de objetos religiosos e a cobrança de taxas para missas e bênçãos.

Além do comércio de artigos religiosos no processo de gerenciamento da romaria, observa-se uma atuação muito forte do setor de turismo municipal, pois a cidade precisa se preparar para receber os turistas com hotéis, restaurantes e pacotes turísticos. Embora isso gere receita para a cidade, também pode transformar a experiência espiritual em meramente uma atração turística. Ademais, empresas e marcas aproveitam a visibilidade da romaria para promover seus produtos, muitas vezes utilizando símbolos religiosos em suas campanhas publicitárias (Notas de Campo, 2024).

Além disso, a priorização do turismo religioso, sobretudo no período das festividades, pode levar à gentrificação de áreas próximas ao santuário onde diferentes grupos urbanos se atravessam e os espaços são territorializados por meio das disputas (Heidrich, 2016). Pode levar também ao aumento dos preços de serviços básicos e à exploração de trabalhadores informais que dependem da romaria para sua subsistência. Com o aumento da demanda por hospedagem e comércio, os preços dos imóveis e dos serviços tendem a subir, tornando-se inacessíveis para

a população local. Dessa maneira, modificando o espaço público em espaço comercial por meio da “colonização do tempo e do espaço”, conforme Benjamin (2013).

Nesse processo, é relevante refletir sobre as dinâmicas de poder, controle e exploração que estão nesse cenário. Como afirma Benjamin (2013), o capitalismo como religião é uma forma de culto que não redime, mas endivida. Em Canindé, essa dívida pode se manifestar nas contradições existentes entre a fé e o mercado, entre a devoção e o consumo, e entre a comunidade local e os visitantes. Refletir sobre esses processos a partir de uma história organizacional crítica permite problematizar hegemonias, desigualdades e situações de marginalização (Durepos *et al.*, 2019; Cooke & Alcadipani, 2015).

A ideia de performatividade (Durepos *et al.*, 2019; Fournier & Grey, 2000) da festa enquanto uma organização, se refere à encenação de papéis sociais e rituais que reforçam determinadas identidades e práticas no organizar dos espaços na cidade. Nesse sentido, observa-se que a festa em honra a São Francisco é uma performance coletiva, onde os romeiros assumem o papel de devotos e a cidade se transforma em um palco sagrado. Assim, os festejos religiosos são rituais teatralizados, como a lavagem das escadarias do santuário, as procissões e as missas solenes. Esses rituais são encenados de forma a criar um espetáculo que atrai não apenas os fiéis, mas também a mídia e os turistas. A performatividade da festa serve para reforçar a imagem de Canindé como a “Terra de São Francisco”, potencializando ainda mais o conceito de uma “cidade santuário” por meio dos diferentes equipamentos e símbolos religiosos considerados sagrados que permeiam essa lógica de organização, como relatado pelo entrevistado a seguir:

“[...] a igreja né, a Basílica que é um monumento sagrado, a gruta, a via sacra, a casa das velas e também e a casa dos milagres. Por que eu acho que é onde está o corpo de Deus, o corpo de Jesus, é onde a gente entra mais em contato com São Francisco também, com a interseção dele” (R2).

Essa relação entre o religioso e o espetacular em um processo de teatralização pode refletir uma tendência mais ampla na sociedade contemporânea, onde a fé é cada vez mais mediada pelas lógicas de mercado, contribuindo para um ethos de eficiência e de performatividade como previsto pelo capitalismo neoliberal (Benjamin, 2013; Durepos *et al.*, 2019; Fournier & Grey, 2000).

A imersão no campo reforça essa questão da performatividade observada “desde as encenações da vida de São Francisco até a grandiosidade das procissões, pois tudo é cuidadosamente planejado para criar uma experiência imersiva de fé como por exemplo, observado nos romeiros que chegam à cidade vestidos com uma batina de cor marrom em homenagem a São Francisco fazendo referência aos valores franciscanos de simplicidade” (Notas de Campo, 2024). Nesse processo, outros elementos fazem parte de uma organização performática por meio de símbolos e narrativas, incluindo encenações e representações, rituais coletivos, símbolos visuais (a iconografia de São Francisco, as vestes dos franciscanos e a decoração das ruas contribuem para a atmosfera sagrada do evento), e a organização do espaço, pois a cidade é reorganizada para acomodar os romeiros, com a criação de áreas específicas para alimentação, descanso e comércio.

Nesses diferentes processos narrados, uma crítica (anti)performática no contexto capitalista religioso encoraja-nos a ver a performatividade como “moralmente suspeita” (Durepos *et al.*, 2019; Zald, 2002), caminhando no sentido de pensar que a espiritualidade pode ser ofuscada por uma lógica meramente capitalista, incluindo diferentes questões observadas, entre elas: i) o mercado da fé; ii) a espetacularização do sagrado; iii) as desigualdades sociais. Cada uma dessas questões contribui para justificar o organizar religioso ao promover e enaltecer o discurso progressista de uma “cidade santuário” performática na era do capitalismo. Questionar histórias organizacionais que adotam um quadro organizador de progresso e

acumulação de lucros (Durepos *et al.*, 2019), é um desafio. No entanto, envolver a comunidade local na organização da romaria, garantindo que os moradores se beneficiem dos recursos gerados pelo evento pode ser algo para superar os desafios da festa.

Durepos *et al.* (2019), nos alerta que precisamos escrever histórias (anti)performativas que “descentrem o imperativo do lucro, não apenas no conteúdo, mas também no enredo” (p. 13). Dessa forma, refletindo sobre histórias que não privilegiem, elevem ou celebrem o imperativo do lucro, mas foquem em outros eventos organizacionais, como o esquecimento da responsabilidade corporativa, das desigualdades sociais e dos aspectos ambientais por exemplo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender, sob um ponto de vista da história organizacional crítica, os processos históricos performáticos da romaria de Canindé na sua relação com o organizar de uma cidade santuário. Baseado na análise da coleção documental constituída e nas narrativas dos entrevistados, descrevemos a trajetória histórica da romaria e seus desdobramentos no organizar atual da cidade de Canindé por meio das suas origens, culminando no seu título de “cidade santuário”.

Nesse processo, refletimos que a romaria de São Francisco em Canindé que atrai milhares de romeiros anualmente e considerada a “segunda maior manifestação franciscana do mundo e a mais antiga do Brasil”, pode sugerir um exemplo de como a fé se entrelaça com a organização performática e administrativa. Essa grandiosidade também abre espaço para uma crítica (anti)performática, sobretudo, no contexto do capitalismo religioso e seus impactos no organizar da cidade e na experiência espiritual dos fiéis. É relevante problematizar que, enquanto uma festa performática, que apenas gera lucros para comerciantes e a cidade, muitos romeiros ainda vivem em condições de pobreza, o que contrasta com os ideais franciscanos de justiça social. Nesse processo, observamos na história organizacional crítica uma alternativa para reescrever e enaltecer histórias que representam apenas a ascensão das organizações ao poder, mas também contestadas a partir da teatralização do sofrimento como forma de demonstrar a fé.

Refletimos igualmente que naquela região diferentes questões estão relacionadas aos aspectos dos espaços sagrados, guiando os processos organizativos de uma religiosidade na cidade, através do movimento da peregrinação segundo uma lógica da organização performática dos espaços relatada pelas narrativas dos caminhantes na cidade. Nesse contexto, os históricos movimentos das andanças de peregrinos pelos espaços sagrados da cidade foram baseados em uma lógica religiosa performática capitalista que influenciou a organização dos aspectos urbanos na cidade de Canindé até os dias atuais.

Dada a relevância desses diferentes aspectos e reflexões levantadas, acreditamos que esse estudo possa contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas sobre as cidades e abordagem da história organizacional crítica, articulando o organizar religioso capitalista. Todavia, cabe destacar as limitações desse estudo, entre elas, o acesso das fontes documentais, a disponibilidade dos entrevistados, pois as entrevistas ocorreram durante a festa e também a quantidade limitada que foram apenas cinco. Para estudos futuros, sugerimos a ampliação da pesquisa focalizando outras instituições religiosas que foram relevantes para a história do organizar de diferentes cidades no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2013). *Benjamin e o capitalismo*. Trad. Selvino Assmann. Blog da Boitempo, São Paulo.
- Alves, J. M. (2005). *Canindé: Terra de São Francisco*. Fortaleza: Edições UFC.
- Andrade, L. M. (2018). O capitalismo como religião: a Teologia da Libertação em uma perspectiva decolonial. *Caminhos-Revista de Ciências da Religião*, 16, 168-180.

- Appio, J., Frizon, N., Canopf, L., Marcon, D., & Madruga, B. (2017). Pesquisa Histórica como uma possibilidade à pesquisa em Estudos Organizacionais. *CIAIQ 2017*, 3.
- Assis, L. F., Silva, I. L. O., & Mapurunga, G. M. P. (2015). Corpo, fé e glória: uma descrição fragmentária dos romeiros de São Francisco, de Canindé, Ceará. *Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais*, 6(2), 350-361.
- Barros, A. (2016). Archives and the Archive: dialogue and an agenda of research in organization studies. *Organizações & Sociedade*, 23(79), 609-623.
- Barros, A., & Carrieri, A. D. P. (2015). O cotidiano e a história: construindo novos olhares na Administração. *Revista de Administração de Empresas*, 55, 151-161.
- Barros, A., Alcadipani, R., & Bertero, C. O. (2018). A criação do curso superior em administração na UFRGS em 1963: uma análise histórica. *Revista de Administração de Empresas*, 58, 3-15.
- Barros, A., Carneiro, A., & Wanderley, S. (2018). Organizational archives and historical narratives: Practicing reflexivity in (re) constructing the past from memories and silences. *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, 14(3), 280-294.
- Bezerra, A. (1926). *História de Canindé*. Fortaleza: Editora Typografia Minerva.
- Benjamin, W.; Löwy, M. (2013). *O capitalismo como religião*. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo.
- Booth, C., & Rowlinson, M. (2006). Management and organizational history: prospects. *Management & organizational history*, 1(1), 5-30.
- Boltanski, L., & Chiapello, È. (2009). *O Novo Espírito do Capitalismo*. Editora Martins Fontes.
- Bourdieu, P. (2011). *Gênese e Estrutura do Campo Religioso*. In: A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva.
- Brandão, M. C. (2008). *Romarias e Festas Populares no Nordeste*. Fortaleza: Editora UFC.
- Brunninge, O. (2009). Using history in organizations: How managers make purposeful reference to history in strategy processes. *Journal of Organizational Change Management*, 22(1), 8-26.
- Carneiro, A., & Barros, A. (2017). Uso de documentos para narrar a história de organizações: reflexões e experiências. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 11(30), 14-23.
- Carter, R.G.S. (2006), "Of things said and unsaid: power, archival silences, and power in silence". *Archivaria*, Vol. 61, pp. 215-233.
- Cascudo, L. C. (2006). *Vaqueiros e Cantadores*. Rio de Janeiro: Editora Global.
- Clark, P.; Rowlinson, M. (2004), The treatment of history in organization studies: towards a historic turn? *Business History*, Vol. 46 No. 3, pp. 331-352.
- Cellard, A. (2008). *A análise documental*. In: J. Poupard, et al. (Orgs.). A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes.
- Cooke, B. (2003). The denial of slavery in management studies. *Journal of Management Studies*, 40(8), 1895-1918.
- Cooke, B., & Alcadipani, R. (2015). Toward a global history of management education: The case of the Ford Foundation and the São Paulo School of Business Administration, Brazil. *Academy of Management Learning & Education*, 14(4), 482-499.
- Costa, A. S. M., & Silva, M. A. (2019). A pesquisa histórica em administração: uma proposta para práticas de pesquisa. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 20(1), 90-121.
- Costa, A. S. M., & Wanderley, S. E. P. V. (2021). Passado, presente e futuro de história (crítica) das organizações no Brasil. *Revista de Administração de Empresas*, 61.
- Costa, O. J. L. (2021). *A expressão do sagrado no sertão cearense: espaço e simbolismo em dois espaços sagrados: Canindé e Quixadá*. Editora Dialética: Fortaleza.
- Decker, S. (2013). The silence of the archives: business history, post-colonialism, and archival ethnography. *Management & Organizational History*, 8(2), 155-173.

- Durepos, G., Shaffner, E.C. & Taylor, S. (2019), Developing critical organizational history: context, practice, and implications. *Organizations*, Vol. 28 No. 3, pp. 449-467.
- Fantinel, L. D.; Fischer, T. M. D. (2012). Organizações e contextos urbanos: os cafés e as sociabilidades. *Gestão e Sociedade*, 6.15: 280-307.
- Fischer, T. (1996). Gestão contemporânea, cidades estratégicas: aprendendo com fragmentos e configurações do local. In: FISCHER, T. *Gestão contemporânea: cidades estratégicas e organizações locais*. Rio de Janeiro: FGV.
- Fischer, T. (1997). A cidade como teia organizacional: inovações, continuidades e ressonâncias culturais Salvador, BA, cidade puzzle. *Revista de Administração Pública*, 31(3), 74-94.
- Fournier, V.; Grey, C. (2000), At the critical moment: conditions and prospects for critical management Studies. *Human Relations*, Vol. 53 No. 1, pp. 7-32.
- Franco, B. L.; Oliveira, J. (2016). *As Práticas de Constituição dos Espaços Organizacionais e dos Espaços das Cidades: Contribuições de Michel de Certeau aos Estudos Organizacionais*. In: Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais.
- Girão, R. (1947). *História do Ceará*. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará.
- Godói, C. K.; Bandeira-De-Melo, R. & Silva, A. B. (2010). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. Ed. Saraiva: São Paulo.
- Gomes, A. (1998). *Romarias e Festas Religiosas no Ceará*. Fortaleza: Edições UFC.
- Gonçalves, T. E., Matos, F. D. O., & Bezerra, E. S. D. S. (2021). O circuito inferior da economia urbana na festa de São Francisco de Assis em Canindé-CE. *Geosul, Florianópolis*, v. 36, n. 79, p. 143-164.
- Hodge, P. A., & Costa, A. S. M. (2020). Do particular para o geral: Memória, história oral e estudos organizacionais. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 19(3), 303-336.
- Honorato, B. E. F.; Saraiva, L. A. S. (2016). Cidade, população em situação de rua e estudos organizacionais. *Desenvolvimento em Questão*. 14.36: 158-186.
- Ipiranga, A. S. R. (2010). A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 11.1: 65-91.
- Lacerda., C. C. O.; Ipiranga, A. S. R. & Thoene, U. (2023). A Critical Organizational History of City Margins in the Global South. *Qualitative Research in Organizations and Management*, v. 18, p. 22-45.
- Lima, F. J. L. A. P., & de Lima, M. D. G. (2017). Influências e significados da Festa de São Francisco das Chagas no comércio varejista e na cotidianidade da população de Canindé-CE. *CAMINHOS DE GEOGRAFIA - revista online*, v. 18, n. 61.
- Lopes, F. T.; Costa, A. S. M. (2021). Political exile in the post-2019 Brazilian context: history of exile and work-existence/resistance of a Brazilian intellectual. *Cadernos EBAPE. BR*, 19.
- Lowy, M. (2013). *O Capitalismo como Religião*. Walter Benjamin. Boitempo Editorial.
- Maccali, N.; Minghini, L.; Walger, C. D. S.; Aroglio, K. D. (2014). O método história de vida: desvendando a subjetividade do indivíduo no estudo das organizações. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 15(3).
- Maclean, M., Harvey, C. & Clegg, S.R. (2016), “Conceptualizing historical organization studies”. *Academy of Management Review*, Vol. 41 No. 4, pp. 609-632.
- Mac-Allister, M. (2004). A cidade no campo dos estudos organizacionais. *Organizações & Sociedade*, 11, 171-181.
- Mills, A. J., Weatherbee, T. G., & Durepos, G. (2014). Reassembling Weber to reveal the-past-as-history in management and organization studies. *Organization*, 21(2), 225-243.
- Monteiro, C. A. F. (1998). *Canindé: Terra de Fé e Milagres*. Fortaleza: Editora UFC.
- Nobre, I., & Paiva, B. L. (2017). Fé Canindé: sobre romeiros, romarias e ex-votos. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, 15(34), 239-248.
- Nunes, A., & Coelho, H. (2021). Análise narrativa no cenário de pesquisa da ciência administrativa brasileira. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, 8(3), 630-660.

- Paes de Paula, A. P. (2008). *Teoria crítica nas organizações*. São Paulo: Thomson Learning, 2008, 136p. (Coleção Debates em Administração).
- Pesavento, S. J. (2007). *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. Companhia Editora Nacional.
- Pieranti, O. P. (2008). A metodologia historiográfica na pesquisa em administração: Uma discussão acerca de princípios e de sua aplicabilidade no Brasil contemporâneo. *Cadernos EBAPE.BR*, 6, 1-12.
- Pina e Cunha, M., Clegg, S. & Alcadipani, R. (2024). Overcoming StrongWeak Dualisms in Process Organization Studies via Three Theory-Methodology Hybrids. *Journal of Organizational Sociology*, 2(1), 59-86.
- Ribeiro, F. A., & Sampaio, M. M. B. (2012). Canindé das peregrinações e da cultura popular: Um estudo de caso do município e sua religiosidade. *Revista GeoUECE*, 1(1).
- Rolnik, R. (1995). *O que é cidade*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo. Editora Brasiliense.
- Rowlinson, M., Hassard, J., & Decker, S. (2014). Research strategies for organizational history: A dialogue between historical theory and organization theory. *Academy of Management Review*, 39(3), 250-274.
- Sá-Silva, J. R., Almeida, C. D., & Guindani, J. F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira De História & Ciências Sociais*, 1(1), 1-15.
- Sacramento, A. A., Figueiredo, P. F. M., & Teixeira, R. M. (2017). Método da história oral nas pesquisas em administração: Análise nos periódicos nacionais no período de 2000 a 2015. *Revista de Ciências da Administração*, 19(49), 57-73.
- Saraiva, L. A. S.; Carrieri, A. P. (2012). Organização-cidade: proposta de avanço conceitual a partir da análise de um caso. *Revista de Administração Pública*, 46.2: 547-576.
- Sauerbronn, F. F., Lima, J. P., & Faria, A. (2022). Decolonizing-recolonizing curriculum in Management and Accounting with Southern Praxis. *Academy of Management*, 2022, 1-40.
- Schwartz, J. M., & Cook, T. (2004). Arquivos, documentos e poder: A construção da memória moderna. *Revista do Arquivo Público Municipal de Indaiatuba*, 3(3).
- Silva, J. K. L., & Silva Anjo, J. E. (2024). Pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais (EOR): reflexões sobre as escolhas e estratégias metodológicas. *Revista Gestão & Conexões*, 13(3), 225-246.
- Silva, Í. D., & Santos, E. C. D. (2021). Historical narrative, decoloniality, and polyphony in Management and Organization Studies: a theoretic-methodological approach. *BBR. Brazilian Business Review*, 18(6), 679-699.
- Silva, L. M. (2007). *Pedir, promover e pagar: escritos, imagens e objetos dos romeiros de Canindé*. Fortaleza: Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Ceará. (Dissertação de Mestrado).
- Sousa, J. O. (2005). *Canindé: Terra de São Francisco*. Canindé: Editora Santuário.
- Turner, V. (1974). *Dramas, fields and metaphors: Symbolic Action in Human Society*. Ithaca: Cornell University Press.
- Üsdiken, B.; Kipping, M.; Engwall, L. (2014). Historical perspectives on organizational stability and change: Introduction to the special issue. *Management & Organizational History*, 6:1, 3-12.
- Vizeu, F. (2010). Potencialidades da análise histórica nos estudos organizacionais brasileiros. *Revista de Administração de Empresas*, 50, 37-47.
- Yates, J. (2014). *Understanding historical methods in organization studies*. In M. Bucheli & D. R. Wadhvani (Orgs.), *Organizations in time: History, theory, methods* (pp. 265-283). UK: Oxford University Press.
- Zald, M. (1993). Organization studies as a scientific and humanistic enterprise: Toward a reconceptualization of the foundations of the field. *Organization Science*, 4(4), 513-528.